

O uso da IAG na escrita de textos noticiosos: possíveis implicações¹

Natasha Bastos de Sousa²

Kellyanne Carvalho Alves³

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

RESUMO

Este trabalho pretende tratar o tema do uso da tecnologia Inteligência Artificial Generativa (IAG) na escrita de textos noticiosos no jornalismo. Buscamos contextualizar as recentes discussões teóricas sobre as implicações do uso da IA em uma atividade até então estritamente humana. A metodologia da nossa pesquisa é de caráter bibliográfico exploratório, baseada em textos e artigos de pesquisadores da área da Comunicação e da área da inovação tecnológica. Apontamos as vantagens e os riscos do uso desta ferramenta com o objetivo de melhor compreender seu atual papel na produção textual jornalística, assim como, tentar vislumbrar o futuro da escrita humana coexistindo com esta tecnologia que promete avançar ainda mais na sociedade de plataformas.

PALAVRAS-CHAVES: Jornalismo; Produção Noticiosa; IAG; Escrita de texto

Introdução

Podemos afirmar que a escrita é uma atividade que está intrinsecamente ligada ao humano, uma forma de linguagem que apenas humanos foram capazes de organizar. Outra afirmação que podemos fazer, sem medo de sofrer represálias, é a de que a escrita está associada às profissões de escritor e jornalista sendo o domínio do texto escrito a principal competência exigida nestas profissões. Porém, com as mudanças ocasionadas pela globalização e o avanço tecnológico somado ao aumento de pessoas, do saber e de acontecimentos pelo globo terrestre, resultaram em uma intensa demanda no processo de organizar, verificar e escrever informações. O que tem gerado tensões na até então antiga e estável relação entre o ser humano e a escrita. E a Inteligência Artificial (Lee, 2019) promete desafiar ainda mais essa relação.

Com avanços tecnológicos computacionais e o grande volume de dados (Lee, 2019) na atual sociedade de plataformas (2018), a Inteligência Artificial (IA) está cada

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE21 - Jornalismo Audiovisual, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Radialismo da UFPB, e-mail: natashabhope@outlook.com.

³ Professora do Departamento de Comunicação e da Pós-graduação em Jornalismo do CCTA/UFPB, pesquisadora do Núcleo Lavid/CI/UFPB, e-mail: kellyanne@lavid.ufpb.br.

vez mais presente em muitos setores da atividade humana. Nesse sentido, trata-se de uma realidade já evidente no cotidiano e práticas produtivas de criação de texto, áudio e vídeo do quanto a IA está sendo uma ferramenta usada em diferentes contextos, principalmente na construção de textos. As ferramentas de inteligência artificial vêm sendo requeridas no desenvolvimento da escrita, em especial no meio jornalístico.

No jornalismo, o uso de algoritmos, datificação e ferramentas de inteligência artificial nas rotinas produtivas já ocorre em contextos diversos. Isso é demonstrado nos resultados das recentes pesquisas acadêmicas que dedicam seus esforços para compreensão de suas possibilidades, desafios e riscos ao conteúdo jornalístico, às empresas e ao profissional (ALVES, 2024, p. 81).

Alves (2024), em seu estudo sobre a produção noticiosa e os possíveis benefícios e riscos ao do jornalismo audiovisual, observa que:

Nos últimos anos, estas preocupações no campo da produção jornalística estão impulsionando diversas investigações. Para exemplificar, tem-se pesquisa sobre o processo de datificação no jornalismo usando algoritmos e automatização das notícias (Porlezza, 2023), o estado da IA e o impacto na renovação e modernização do jornalismo (Ali, Hassoun, 2019), as organizações e quais notícias elas estão produzindo usando IA (Beckett, Yaseen, 2023), o papel que a IA desempenha na produção e distribuição noticiosa e como está remodelando o ecossistema informacional nas organizações (Simon, Isaza-Ibarra, 2023). Bem como, trabalhos de revisão sistemática sobre a implementação da IA nos meios de comunicação nas últimas décadas (Peña-Fernández, et al., 2023) e as possibilidades, limitações e riscos da IA generativa para produção de conteúdo de mídia (Franganillo, 2023) (Alves, 2024, p.81-82).

A partir deste cenário, nosso trabalho intenta discutir a questão da construção de realidade e sentidos problematizando a escrita humana e o uso da Inteligência Artificial Generativa, especialmente no caso da produção da notícia. Nossa metodologia escolhida foi a pesquisa bibliográfica de caráter exploratório com base em pesquisas já publicadas recentemente, além de notícias em sites especializados sobre o assunto. A partir deste material selecionado, selecionamos quatro pesquisas que foram publicadas entre 2018 e 2024 sobre o jornalismo e produção noticiosa que analisavam a aplicação da IAG para melhor compreender o problema estudado na busca pela construção inicial do quadro teórico sobre o tema. Esta é nossa primeira fase da pesquisa, que tem como objetivo investigar as aplicações da IAG e suas implicações na produção do texto noticioso.

Jornalismo, IAG e Produção de Notícia

Para compreender o motivo da guinada da IA passar de uma ferramenta de auxílio de trabalho à ameaça profissional no meio jornalístico, os pesquisadores Silveira e Nunes (2024), em seu texto *Jornalismo automatizado: quando o humano deixa de escrever*, apresentam o seguinte pensamento: “O que se buscava nos primeiros estágios da Revolução Industrial se mantém verdade no século XXI. A busca por velocidade e quantidade na produção de notícias é [...] o fator determinante para automatizar a produção de conteúdo jornalístico (Silveira; Nunes, 2024, p. 175).

A quantidade de informações presentes no meio digital, que graças ao avanço da tecnologia tem maior alcance de pessoas/leitores/ouvintes hoje do que nunca antes no passado, aumentam a pressão em jornalistas por mais velocidade e produtividade, “exigindo em excesso a capacidade de jornalista de dar sentido a esse volume” (Silveira; Nunes, 2024, p. 176) de informações. Silveira e Nunes (2024) apontam ainda que:

O discurso da velocidade impulsiona veículos a fazerem o possível para publicar um furo primeiro, distribuindo a notícia para o maior número possível de leitores (Örnebring, 2010). Entretanto, é interessante notar como essa busca por velocidade e ganho de escala parece produzir uma controvérsia singular. A ubiquidade dos computadores, das conexões em rede e, por consequência, das mediações algorítmicas, resulta em uma capacidade humana de tomada de decisão diminuída, ou substituída, por algoritmos (Broussard, 2018). (Silveira; Nunes, 2024, p.177).

A busca por velocidade na produção da notícia pode acabar levando jornalistas a confiar demais nos dados e na inteligência da IA, conferindo a esta ferramenta um poder sobre a escrita que sempre foi delimitado até então ao ser humano. Regina Zandomênicó (2022) observa que:

Para os veículos de comunicação, um dos principais atrativos do uso da Inteligência Artificial é a velocidade na qual essa tecnologia analisa e sintetiza dados para transformá-los em texto. O fator tempo é crucial para o Jornalismo porque está diretamente ligado à veiculação da notícia em tempo real e fluxo contínuo, características do Jornalismo na web. Por consequência, os índices de audiência também são favorecidos quando os veículos conseguem agilidade na veiculação de notícias (Zandomênicó, 2022, p.30).

O principal atrativo da IA é algo que o ritmo da vida atual exige dos humanos, agilidade e precisão, afinal não podemos “perder tempo”. Os interesses lucrativos das grandes mídias são razões que não podemos ignorar na adoção da IA nas redações jornalísticas.

Contudo, a produção de notícias desenvolvida pelo arbítrio da IA é uma questão que gera incertezas, pois o processo no qual o/a jornalista passa para selecionar e interpretar a informação, para só depois transformá-la em notícia por meio da escrita, é um processo sem dúvida que será melhor executado pelo conhecimento e pela percepção das subjetividades que permeiam as realidades do mundo. Alves (2022) escreve sobre como os/as jornalistas selecionam suas fontes de informação:

Ao selecionar, interpretar e codificar na linguagem noticiosa um acontecimento e torná-lo público, os jornalistas elegem critérios e valores-notícia que balizam suas decisões do que é noticiável ou não. Mesmo numa possível abertura para uma participação e colaboração das audiências ativas na sugestão e construção da notícia num telejornal, os materiais enviados passam pelos critérios de noticiabilidade e valores-notícia adotados pelo profissional na sua rotina produtiva e na política editorial do meio de comunicação (Alves, 2022, p.162).

A ferramenta de IA por ser uma tecnologia computacional pode apresentar vantagens em construção de textos concisos, ágeis, quantitativos, mas gerar textos que causam reflexão, estranhamento e mesmo desconforto não é algo que os dados computacionais podem fazer sozinhos, ao menos até o momento.

Por ser uma forma de conhecimento dos acontecimentos cotidianos (PARK, 2008; MEDITSCH, 1992, 1998), o jornalismo é um campo de conhecimento em constante estudo nas ciências sociais por sua complexidade e fundamentos éticos, discursivos, filosóficos e epistemológicos. (Alves, 2022, p.178)

A escrita jornalística por meio da IA tem a capacidade de relatar sobre acontecimentos cotidianos recentes em grande velocidade, mantendo o público informado e atualizado. Por outro lado, a escrita jornalística humana tem a capacidade de relatar, refletir e problematizar acontecimentos cotidianos recentes, gerando novos conhecimentos e perspectivas sobre o mundo.

Um exemplo de que a IAG pode ocorrer em erros ou alucinar (quando a IA gera respostas incorretas, imprecisas ou com informações falsas de maneira que parece coerente) é o caso muito conhecido que foi relatado numa reportagem do jornal britânico BBC, publicada em 16 de maio de 2023. A notícia informava sobre o seguinte acontecimento, tendo como manchete: “Dias antes da coroação do rei Charles 3º, que ocorreu em 6 de maio, uma pergunta feita ao ChatGPT gerou um resultado surpreendente”. A reportagem da BBC segue com o desfecho da curta história:

O chatbot de inteligência artificial (IA) da empresa OpenAI afirmou: "A cerimônia de coroação ocorreu na Abadia de Westminster, em Londres, em 19 de maio de 2023. A abadia é local de coroações de monarcas britânicos desde o século 11, e é considerada um dos lugares mais sagrados e emblemáticos do país". [...] A coroação de Charles aconteceria no dia 6 de maio, mas por algum motivo o ChatGPT chegou à conclusão de que o evento seria no dia 19 de maio. O sistema alerta que só consegue gerar respostas com base em informações disponíveis na internet até setembro de 2021. Por isso, ele ainda fornece dados errados em consultas sobre dados mais recentes (BBC, 2023).

A resposta da ferramenta de IA apesar de concisa e de usar nomes e referências reais, estava errada. Os programadores da OpenAI alertaram para o problema com a base de dados disponíveis, de que não havia informações recentes o suficiente para que a ferramenta de IA desse a resposta verdadeira.

Uma das aplicações mais promissoras do aprendizado profundo é a produção de textos que simulam a escrita humana. Vários modelos de linguagem foram desenvolvidos para atingir esse objetivo, e o mais poderoso até hoje é o chamado Generative Pre-trained Transformer, mais conhecido pela sigla GPT. Criado pelo OpenAI Lab, este modelo foi projetado para produzir textos que imitam de forma convincente o estilo, o tom e a arquitetura da escrita humana. E tal é a qualidade dos textos gerados desta forma que é difícil distingui-los daqueles escritos por uma pessoa. (Franganillo, 2023, p.3, tradução nossa).

A redação da informação dada pela IA acerca da coroação do rei Charles III, apesar de errada, segue o estilo e a gramática da escrita humana. Esse tipo de coerência e normativa aparente pode passar a ideia de veracidade da informação para alguns desavisados, para aqueles que confiam cegamente nessa ferramenta. Jorge Franganillo (2023) comenta sobre a “apenas coerência aparente” da escrita da IA:

Outra limitação dos modelos de linguagem é que eles nem sempre são apoiados por fontes confiáveis ou evidências robustas, o que é que determina a verdade ou solidez de um argumento. Os modelos de linguagem apenas declaram, com coerência aparente, como uma resposta deve soar. Portanto, o rigor não é garantido, e o conteúdo gerado, que não é estritamente informativo, mas uma mera construção sintética, deve ser verificado com fontes confiáveis e especialistas na área (Franganillo, 2023, p.12, tradução nossa).

É preciso contar com alguns erros, com a superficialidade da informação ou fato e até com futilidades acerca do tema, antes de tomar para si como verídico um texto escrito pela IA. “A IA generativa é válida então para situações que admitem uma certa

margem de erro, uma certa superficialidade de argumento, até mesmo algum absurdo.” (Franganillo, 2023, p. 12, tradução nossa).

A escrita humana também sofre com erros de informações causadas seja por falta de checagem de dados, seja por questões ideológicas. Apesar disso, existe um trabalho e, porque não, uma preocupação humana em evitar e corrigir tais erros, pois mesmo na retratação e correção de uma informação errônea, um conhecimento pode ser gerado e compartilhado. A confusão que o mundo e a realidade em si causam não isenta o jornalista de muitas vezes se ver confuso diante de um acontecimento e, por conseguinte, na maneira de como abordá-lo. Segundo Alves (2022),

A seleção da notícia, critérios de noticiabilidade e valores-notícia são fatores presentes no processo produtivo noticioso, sendo, muitas vezes, interpretados de forma similar e confusa no momento de compreender como se reconhece, identifica, escolhe e constrói a notícia. Ao selecionar, interpretar e codificar em notícia um acontecimento, os jornalistas agem como seletores, identificadores e construtores dos acontecimentos da realidade social cotidiana produzindo e reproduzindo conhecimento. (Alves, 2022, p.178)

O trabalho de “seletores, identificadores e construtores dos acontecimentos da realidade social cotidiana” faz com que a escrita humana passe por questionamentos, reflexões, discriminações sociais, culturais e políticas, o/a jornalista, o humano mediante sua subjetividade e sua capacidade de aprender outras perspectivas do mundo fornecem algo que a escrita IAG ainda não é capaz de reproduzir. Tendo isso em vista, lembrar das palavras de Jorge Franganillo (2023, p.12) quando este afirma que a IA “ni siquiera se puede afirmar que mienta, ya que ni siquiera dispone de un modelo de verdad”, temos um verdadeiro deslumbre de que a ferramenta de IAG está muito distante da inteligência humana. Podemos ler o parágrafo do texto onde o pesquisador espanhol elaborou este pensamento a seguir:

Produz uma ilusão enganosa de pensamento racional, mas não raciocina nem tem conhecimento confiável sobre o mundo. Ele não entende, num sentido humano, nada do que escreve. O texto que ele produz não é necessariamente verdadeiro. Mesmo que pareça eloquente e até convincente, o conteúdo pode ser incorreto ou absurdo, porque a IA às vezes inventa fatos, pessoas, dados ou fontes. Ele pode nos enredar com a desenvoltura de um mentiroso compulsivo. E nem se pode afirmar que ele mente, pois ele nem sequer tem um modelo de verdade (Franganillo, 2023, p.12, tradução nossa).

Considerando o estudo de Rodrigo-Alsina (1989), o texto jornalístico trabalha com o processo de construção da realidade social a partir do “mundo real”, que se estabelece pela “correspondência do mundo dos acontecimentos”. Esta correspondência é o balizador adotado no processo de verificação pelo jornalista. Ainda, o profissional aciona o “mundo de referência” para construir o “mundo possível”. “O mundo possível é o mundo narrativo construído pelo sujeito enunciador, a partir dos outros dois mundos citados. [...] O enunciador deve fazer com que pareça verdade o mundo possível que ele mesmo constrói” (Rodrigo-Alsina, 1989, p.190, tradução nossa). O uso da IAG para a construção do texto noticioso ainda não consegue acionar estes três mundos basilares no processo de confirmação de escolha e verificação de fatos, conforme aponta Alves (2020). “No processo construtivo da notícia ocorre também o “processo de intertextualidade” do acontecimento relatado com outros já verificados, que é tido como um modo de confirmação da escolha e do enquadramento realizados, a partir do mundo de referência adotado” (ALVES, 2020, p. 124).

Considerações

O presente estudo propôs uma breve discussão teórica acerca do uso da IA na produção de textos jornalísticos. Depois de testemunharmos tantas inovações tecnológicas em nossa sociedade em rede (Castells, 2016), temos a experiência para sabermos que a tecnologia muda nossa forma de nos relacionarmos com o mundo, com as pessoas e com as coisas em geral. E em geral, as inovações tecnológicas vem com a promessa de “facilitar nossas vidas”. Isto não é diferente com o uso da IA nas redações dos jornais. A ferramenta pode ser útil para jornalistas em suas atividades de apreender, recortar e dar sentido à notícia. Isto até o momento parece ser um campo seguro de se compreender a ferramenta tecnológica. Porém, há um campo desconhecido e inseguro ainda por explorar acerca da IA, e o uso na escrita seria um deles. A escrita e a construção de um texto no jornalismo está em constante discussão com outros saberes, outras perspectivas e, sobretudo, comprometida com a busca por abordar as informações de maneira ética, respeitando as “verdades” que diferentes discursos trazem consigo, isso faz com que exista um “modelo” a ser seguido que é o de preservar a dignidade e a veracidade dos discursos, as perspectivas. E como bem escreve Jorge Franganillo (2023), em relação a IA “não tem nem mesmo um modelo de verdade”. A IA não tem

esse modelo, ou código de conduta, ou subjetividade, e interioridade para perceber e interpretar essas sutilezas presentes na realidade, nos relacionamentos e na comunicação humana. No entanto, não sabemos se tais reflexões serão o suficientes para impedir que IA traga ainda mais transformações na relação do humano com a escrita. Nossa pesquisa continua na busca de identificar quais aplicações e implicações na produção do texto noticioso de forma que ela seja uma auxiliar no processo.

REFERÊNCIAS

ALVES, K. C. **As fontes ativas na notícia**: colaboração das audiências ativas nos telejornais do Brasil e Espanha. São Paulo: Mentis Abertas, 2022. DOI: 10.47180/978-65-87069-87-6. Disponível em: https://www.academia.edu/89723614/e_Book_Fontes_Ativas_na_not%C3%ADcia_colabora%C3%A7%C3%A3o_das_audi%C3%A2ncias_ativas_nos_telejornais_do_Brasil_e_Espanha. Acesso em: 23 mar. 2024.

_____. A “super cognição” aplicada na produção noticiosa: possíveis benefícios e riscos ao jornalismo audiovisual. In: Mello; E. De Andrade, A. P. G; Pereira, A; Coutinho, I.; Emerim, C. (Orgs.). **As inteligências do Telejornalismo**. 1.ed. Florianópolis: Editora Insular, 2024, p. 75-94. CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Trad. Roneide Vanancio Majer. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992-2016, 1 v. FRANGANILLO, J. La inteligencia artificial generativa y su impacto en la creación de contenidos mediáticos. *Methados. revista de ciencias sociale*, v. 11, n. 2, 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9132067>. Acesso em: 26 maio 2024. LEE, K.-F. **Inteligência Artificial**: Como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos relacionamos, trabalhamos e vivemos. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2019. BBC NEWS BRASIL- British Broadcasting Corporation. O QUE é “alucinação” de inteligência artificial. BBC News Brasil. Londres, RU, 16 maio 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv24066nkpqo>. Acesso em: 5 maio 2025.

RODRIGO-ALSINA, M. **La construcción de la noticia**. Paidós, Barcelona, 1989. SILVEIRA, S. C. DA; NUNES, M. C. Jornalismo automatizado: quando o humano deixa de escrever. In: CHRISTOFOLETTI, R.; SILVA, T. (org.). **Jornalismo: reflexão e inflexão**. Florianópolis: Editora UFSC, 2024. cap. 9, p. 172 - 191. VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The Platform Society**: public values in a connective word. New York: Oxford University Press, 2018.